

**A percepção de sustentabilidade sob a perspectiva das mulheres extrativistas da comunidade rural Distrito De Horizonte em Jardim – Ceará**

**The perception of sustainability under the perspective of extractive women from the rural community Horizonte District in Jardim - Ceará**

DOI:10.34117/bjdv6n11-628

Recebimento dos originais: 03/10/2020

Aceitação para publicação: 27/11/2020

**Rafaela Alves da Silva**

Especialista em Educação Ambiental

Instituição: Universidade Regional do Cariri-URCA

Endereço: Rua Coronel Antônio Luíz, 1161 - Pimenta, Crato - CE, 63105-010

E-mail: rafaela.alvesamb@gmail.com

**Daiany Alves Ribeiro**

Docente do Curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Instituição: Universidade Regional do Cariri-URCA

Endereço: Rua Coronel Antônio Luíz, 1161 - Pimenta, Crato - CE, 63105-010

E-mail: daiany\_ars@hotmail.com

**Ana Maria Brilhante Matias**

Especialista em Geografia e Meio Ambiente

Instituição: Universidade Regional do Cariri-URCA

Endereço: Rua Coronel Antônio Luíz, 1161 - Pimenta, Crato - CE, 63105-010

E-mail: anamariabrilhante@hotmail.com

**Bruna Almeida de Oliveira**

Especialista em Educação Ambiental

Instituição: Universidade Regional do Cariri-URCA

Endereço: Rua Coronel Antônio Luíz, 1161 - Pimenta, Crato - CE, 63105-010

E-mail: brunaalmeidaprof@gmail.com

**Joelma Pereira da Silva**

Tecnóloga em Saneamento Ambiental

Instituição: Faculdade de Tecnologia CENTEC - FATEC CARIRI

Endereço: Rua Coronel Antônio Luíz, 1161 - Pimenta, Crato - CE, 63105-010

E-mail: joelmapereira1618@gmail.com

**Dennis Bezerra Correia**

Especialista em Educação Ambiental

Instituição: Universidade Regional do Cariri-URCA

Endereço: Rua Coronel Antônio Luíz, 1161 - Pimenta, Crato - CE, 63105-010

E-mail: denniscorreia40@gmail.com

**Rosiene de Sales Ferreira**

Tecnóloga em Saneamento Ambiental

Instituição: Faculdade de Tecnologia CENTEC - FATEC CARIRI

Endereço: Rua Coronel Antônio Luíz, 1161 - Pimenta, Crato - CE, 63105-010

E-mail: rosieneferreira01@yahoo.com.br

**Camila Esmeraldo Bezerra**

Especialista em Educação Ambiental

Instituição: Universidade Regional do Cariri-URCA

Endereço: Rua Coronel Antônio Luíz, 1161 - Pimenta, Crato - CE, 63105-010

E-mail: Camila.esmeraldo23@gmail.com

**RESUMO**

As relações entre a sociedade e meio ambiente de acordo com a temporalidade se transformam, ocorrendo de forma sustentável ou não. Desse modo a exploração da natureza se relaciona também à exploração de gênero, em função do modelo de desenvolvimento atual. As mulheres desempenham diversas atividades ligadas à gestão e manutenção de sua comunidade, a exemplo das mulheres extrativistas do Distrito de Horizonte, comunidade rural da cidade de Jardim, Ceará, que se deslocam sazonalmente para a FLONA a fim de obter sua subsistência. O objetivo com este trabalho foi apresentar a experiência e verificar a percepção de sustentabilidade sob a perspectiva das mulheres extrativistas do fruto do pequi (Caryocar coriaceum Wittm). A metodologia constou de entrevista semi-estruturada, dividida em duas partes, a primeira relacionada à divisão de tarefas e a segunda relacionada à trajetória individual das entrevistadas. Através dos depoimentos das mulheres foi possível constatar que elas desempenham papéis imprescindíveis para a continuidade da sua tradicionalidade uma vez que os pais são os principais responsáveis pela transmissão cultural nesta realidade e que as mulheres são as mais próximas dos jovens e crianças em função do cuidado. Além de serem as principais responsáveis pelo sucesso da produção do óleo de pequi, que é o procedimento de geração de renda mais expressivo, sendo responsáveis pelos processos de apanhamento e apuração do óleo. Entretanto apesar de mais participativas, com funções tão decisivas, as mulheres se mostram incertas sobre a importância do seu papel, mesmo que possuam, por vezes, discurso educativo, quanto às boas práticas relacionadas à sustentabilidade da floresta.

**Palavras-chave:** Mulheres extrativistas, Pequi, Sustentabilidade, Autovalorização feminina.

**ABSTRACT**

As the relations between society and the environment in agreement to temporality change, occurring in a sustainable way or not. Thereby, the exploration of nature is also related to the exploration of gender, according to the current development model. As women perform various activities in the management and maintenance of their community, for example, extractive women from the Distrito de Horizonte, a rural community in the city of Jardim, Ceará, who move seasonally to a FLONA in order to obtain their livelihood. The goal with this study was to present an experience and to verify a perception of sustainability from the perspective of these extractivist women from the pequi fruit (Caryocar coriaceum Wittm). The methodology consisted of a descriptive research regarding the object of study; a data collection that uses the semi-structured interview divided into two parts, the first to be trained in the division of tasks and the second relate to the interviewees individual trajectory. Through the testimonies of the women, it was possible to verify that they play essential roles for the recovery of their traditionality, since parents are the main responsible for cultural transmission in this reality and that women are the closest to young people and children due to care. In addition to being the main responsible for the successful production of pequi oil, which is the most expressive income generation

procedure, being responsible for the processes of collecting and ascertain the oil. However, despite being more participative, with such decisive functions, women are uncertain about the importance of their role, even if they sometimes have an educational discourse regarding good practices related to the sustainability of the forest.

**Keywords:** Extractive women, Pequi, Sustainability, Feminine self-worth.

## 1 INTRODUÇÃO

A questão ambiental, no que diz respeito à interação do homem com o meio ambiente muda conforme o período ou espaço, uma vez que nesta relação estão intrincadas as questões sociais que permeiam determinada comunidade ou povo em que o modo de agir em relação aos recursos naturais disponíveis é guiado pelas necessidades humanas, podendo ser desde recreação à subsistência econômica. Esta relação estabelecida entre sociedade e ambiente acarreta transformações, sejam de grande ou pequeno impacto, de forma sustentável ou não, considerando a diversidade dos modos organizacionais da sociedade atual e sua consciência ambiental.

É indiscutível que além de uma crise ambiental, existe uma falta de sensibilidade nos meios de produção e nas relações interpessoais, as quais são baseadas no vigente modelo de desenvolvimento, que incentiva a exploração desenfreada do meio natural e a naturalização de uma soberania de gênero, por exemplo. A falta de uma crítica reflexiva acerca das relações entre as pessoas e sua influência sobre o meio ambiente, acarreta na negligência frente aos processos de causa e efeito danosos a natureza e comunidades.

Devido aos papéis preestabelecidos na sociedade em associação com a exploração de gênero, especificamente da figura feminina, considerada na maioria dos casos como inferior a masculina, ao longo da história foi marcada por invisibilidades, lutas e conquistas, por terem sido até pouco tempo atrás, proibidas de decidirem por si mesmas, estudar e trabalhar. A luta pela equidade de gênero fez-se necessária, até os dias atuais, dado que as desigualdades e violência de gênero ainda estão postas e corriqueiras na atualidade.

A trilha histórica percorrida pelas mulheres já resultou em grandes avanços e, apesar dos retardos sociais, culturais e econômicos a que diariamente as mulheres são acometidas, os efeitos desta exploração se apresentam em níveis desiguais, para mulheres diferentes e em ambientes distintos. O que para Fontana; Costa (2016) pode resultar na criação da imagem de uma mulher especial, colocada por ele como uma “super” mulher ambientada numa sociedade em que os avanços legais foram muitos, mas que segue os parâmetros das comunidades tradicionais.”

Na esfera rural, abordar as questões de gênero torna-se imprescindível pelo fato de que as mulheres exercem inúmeras atividades de importância para o desenvolvimento comunitário. Ainda

que, para Oliveira et al. (2013), mesmo com o protagonismo feminino, as dessemelhanças continuam, visto que o trabalho desempenhado por elas é entendido como auxílio às atividades desempenhadas pelos homens, fazendo-as encarregadas de uma tripla jornada: cuidar das atividades domésticas, dos filhos e também das atividades agropecuárias e em várias realidades, bem como extrativistas. No entanto, nesse contexto extrativista o trabalho feminino pode sobressair-se, em comparativo com a agricultura, podendo viabilizar certa autonomia e autodeterminação nas decisões (FERNANDES; MOTA, 2014).

Administrar e realizar as demandas domésticas, incluindo filhos, cuidar dos animais, plantar e colher o cultivo, trabalhar fora em alguns casos, assumir sozinha a gestão familiar, são algumas das muitas tarefas das mulheres rurais, entendendo que de acordo com Santos et al. (2020) o gênero é também uma consequência das relações de parentesco, que por sua vez tem a hierarquia como traço inerente. E por isso a invisibilidade do empenho feminino faz com que o homem seja ainda considerado único provedor para a sustentação familiar, reafirmando desigualdades que influenciam em sua não ascensão (ALVES et al., 2012).

A realidade da comunidade rural Cacimbas, atual Distrito Horizonte, localizado no município de Jardim, CE, de acordo com modelo de sociedade patriarcal, ainda tende a impulsionar o homem para o papel de provedor e protagonista nas tomadas de decisões. Apesar das novas relações que estão se estabelecendo na atualidade, a alteração nos modelos familiares faz com que, na busca pela independência feminina, as mulheres encontrem formas para se manter economicamente, realizando pequenos trabalhos informais autônomos. Nesse sentido o extrativismo do pequi torna-se uma alternativa geradora de renda, ainda que sazonal (NUNES et al., 2016).

Tendo em vista a exploração feminina no contexto social de comunidades rurais, com este trabalho o objetivo foi analisar a percepção das mulheres extrativistas do Distrito Horizonte, Jardim, CE sobre a sustentabilidade e seu papel neste contexto, visando levar ao entendimento de seu protagonismo e autonomia nas mais diversas dinâmicas da comunidade.

Este estudo emerge como resultado da execução de pesquisa realizada durante a Especialização em Educação Ambiental da Universidade Regional do Cariri-URCA e apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, na forma de artigo, no ano de 2020.

## **2 METODOLOGIA**

A pesquisa de caráter descritivo com abordagem qualitativa foi realizada na comunidade rural Distrito Horizonte (conhecida pelos moradores como Cacimbas), no município de Jardim, Ceará, Brasil, que segundo informações do IPECE (2017) ocupa uma área de 552,4 km<sup>2</sup>, com uma população de 26.688 habitantes, residentes em sua grande maioria na zona rural (17.694 hab.), contando com 23

unidades de saúde e um total de 29 escolas em seu território. Subdividindo-se em outros três distritos além da sede (Corrente, Jardimirim e Horizonte) com um índice de 37,49% da população rural em extrema pobreza (IBGE, 2010).

Para o desenvolvimento deste estudo, inicialmente foi realizada revisão de literatura sobre os conceitos-chaves relativos à temática do papel feminino nas comunidades rurais em seu contexto ambiental com o propósito de identificar pesquisas relacionadas ao tema em questão.

Para a pesquisa foram selecionadas 10 mulheres da comunidade que trabalham em qualquer processo relacionado ao beneficiamento do pequi, tais como colheita, trato ou comercialização do óleo e fruto do pequi.

O contato com as entrevistadas se deu por meio de conversa prévia, com a exposição dos objetivos da pesquisa, em seguida com o diálogo sistematizados em duas partes expostas no Quadro 1 e 2, com a primeira referente aos modos de convívio em comunidade, especificamente à divisão de tarefas entre os gestores das famílias e na segunda a abordagem de questões relacionadas às práticas extrativistas do fruto pequi, baseada em sua história de vida, aquisição e repasse de conhecimento, cuidado com o ambiente e autoreconhecimento.

**Quadro 1.** Matriz de distribuição de tarefas entre homens e mulheres.

<b>MATRIZ DE DISTRIBUIÇÃO DAS TAREFAS ENTRE MULHERES E HOMENS DURANTE O ACAMPAMENTO</b>		
Tarefas	Mulheres	Homens
Pegar lenha		
Pegar água		
Cuidar das crianças		
Manutenção do espaço		
Coletar pequi		
Rolar pequi		
Fazer o óleo		
Cuidar dos animais (porcos, galinhas)		
Vender o pequi		
Comprar o pequi		

**Quadro 2.** Roteiro de entrevista.

<b>ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA AS EXTRATIVISTAS</b>
<p><i>Historia de vida</i> Onde nasceu? Ate que serie estudou? Caso não tenha concluído os estudos, porque não conseguiu ir até o fim? Que tipo de trabalho desenvolveu e desenvolve hoje?</p> <p><i>Adquirindo e repassando conhecimento:</i> Como começou a ir para o acampamento? Porque continua indo para o acampamento? Com quem aprendeu a fazer óleo de pequi? Você ensina aos seus filhos ou aos mais novos com quem convive?</p> <p><i>Cuidado com o meio ambiente:</i> Como você acredita que exploração do pequi afetou a safra do pequi ao longo dos anos? Que tipo de impactos ambientais a coleta do pequi pode causar a natureza? Quais atitudes podem ser tomadas para</p>

manter a floresta conservada? Você tem realizado ações de cuidado com a natureza? O que você poderia fazer para continuar tendo da natureza o que precisa e ao mesmo tempo cuidando dela?

*Autoreconhecimento:*

Qual a sua importância para o acampamento durante o período de safra (quais atividades costuma realizar)? Quem toma as decisões da família e do acampamento? Explique como isso é feito...

As informações obtidas sobre o conhecimento dos informantes foram coletadas após solicitação da permissão formal e consentimento destes utilizando o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A ocupação do território que hoje compõe a Floresta Nacional do Araripe (FLONA-Araripe-Apodi) pelos índios Kariris, remonta ao século XVII (1601-1700). Apesar de ser um cenário de lutas e disputas, ao longo de décadas famílias se estabeleceram sobrevivendo da agricultura e do uso da vegetação local. Somente com a criação da FLONA foram retiradas do local e passaram a acampar apenas sazonalmente na designada “serra” para realização de extrativismo (ALMEIDA et al., 2015).

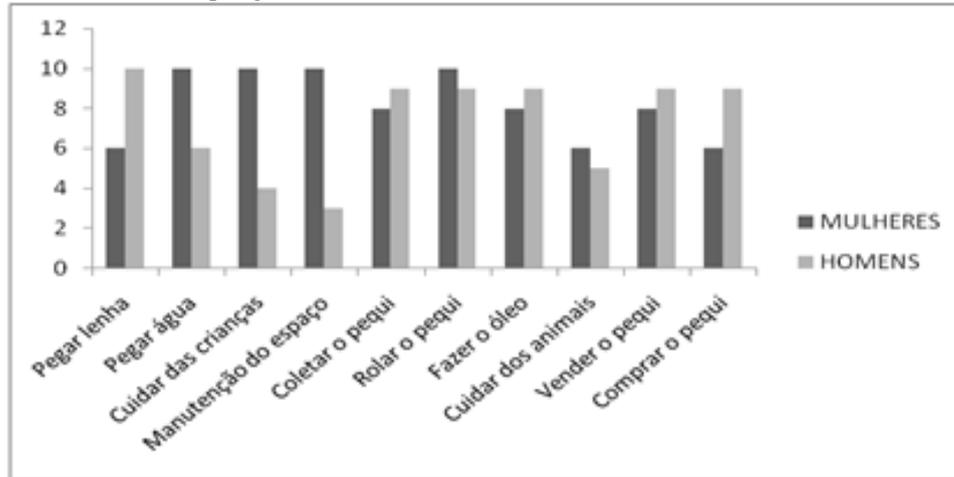
De acordo com o processo histórico de ocupação e trajetória comunitária dentro da FLONA, as mulheres extrativistas entrevistadas, em sua maioria, são originárias da localidade em que residem, a Comunidade de Cacimbas, e durante um período do ano, estas mulheres se deslocam de suas residências, carregando consigo a tradicionalidade dos seus ancestrais, e montando seus “barracos” nas áreas em que realizam o extrativismo, baseando-se na transmissão de saberes de uma geração à outra.

Dessa forma, em função da continuidade dos costumes, o modelo de dominação e exploração trabalhista se conecta as desigualdades das relações sociais que perpassaram o tempo e se estabeleceram ante a configuração em que o trabalho se dá, que resultam de processos históricos acerca das alterações dos vínculos do ser humano com a natureza (Santos, 2013).

Para Aboim (2012), portanto, esta desigualdade configura-se pela associação do sexo a espaços diferentes, para os homens o público e para as mulheres o privado, assim como os encargos construídos ao longo da história estabelecem diferenças entre os mesmos quanto às responsabilidades produtivas e reprodutivas.

Nesse sentido, o comparativo de atividades realizadas pelos gêneros durante o período de acampamento pode ser visto na Figura 1, percebendo-se que as mulheres realizam de modo mais expressivo as ações relacionadas ao cuidado, tanto com a família, como com o ambiente (natural e de habitação), na forma de administração e manutenção, como limpeza e organização.

Figura 1. Divisão de tarefas por gênero entre homens e mulheres extrativistas da comunidade rural Cacimbas



De acordo com pesquisa realizada por Pereira et al. (2014) em comunidades caririenses extrativistas do pequi, as mulheres ainda desempenham participação mais expressiva nos processos extrativos, considerando que para o sucesso das atividades são necessárias, no mínimo duas pessoas envolvidas a depender da demanda produtiva e melhor eficiência na extração dos produtos.

Contudo, nesta pesquisa, a maioria das entrevistadas, quando questionadas sobre sua importância em todo o sistema comunitário se mostraram inseguras e insertas sobre seu trabalho e a falta que fariam se tivessem que se ausentar. (Quadro3, diálogo 1 e 2). A pesar de que as ações de finalização do óleo (apanhar e apurar) são comumente direcionadas como responsabilidade das mulheres com a justificativa de que as mesmas têm uma maior atenção e delicadeza (Quadro3, diálogo 3).

O que demonstra de acordo com Gilligan (1982) uma “Ética do cuidado” baseada em uma moralidade dos contextos cotidianos e históricos que refletem na autodefinição, a partir de onde podem se compreender como eficientes. Às entrevistadas fortificam essa ideia que continua regendo a imposição e naturalização das responsabilidades sociais.

Quadro 3. Diálogo de algumas das mulheres extrativistas da comunidade rural de Cacimbas entrevistadas.

1	“Muié eu não vou saber te responder não... Mas... Eu acho que sim (sobre fazer falta), né, eu acho que sim, porque a gente já tem o costume né de, todo ano ir praquele, fazer toda atividade, eu acho que... se a gente num for, a gente fica com aquela falta né, e... a falta também até pro lucro da gente, então acho que sim.” (L. C.)
2	“Não tô sabendo bem responder essa daí não... (Em seguida completei indagando se seria difícil para os homens trabalharem sozinhos) É, com certeza, seria. Ó, pra rolar o pequi, é mais é a mulher e pra levar pra caldeira. Pra cozinhar, é mais o homem, pra ralar o pequi é o homem, pra apanhar o óleo é a mulher e pra apurar o óleo também é a muié, colocar nos litro...” (C. A. C.)
3	“É, sem a mulher o home não faz só. Porque mulher tem mais cuidado, mais atenção, porque é bem rapidim... pra não deixar queimar. Se o home for tirar o óleo, ele tira mais com a borra, com a borra demora mais a apurar, quando demora mais a apurar queima o óleo... e pra mulher é mais fácil, seja muito óleo ou pouco óleo.” (C. A. C.)
4	“É... a gente passa pra eles, porque tem aqueles que quer estudar e sai pra estudar, Mas tem aqueles que não quer, ou que quer, mas num quer deixar a família e fica com a gente aqui, então a gente vai ensinando pra eles né. É ensinando a sempre cuidar bem do meio ambiente, a não

	<i>destruir a floresta, não desmatar, colher o pequi, a gente leva as crianças pra ensinar a eles... tem até criança que já vai mais os pais, os pais já leva pra ficar lá, mesmo que não seja pra catar, pra ficar brincando ao redor dos transporte, pastorando as motos e ali já é um incentivo pra ele mais na frente.” (A. P. S.)</i>
5	<i>“Eu tando ali dentro da serra, eu tô ali... Meu Deus! Ave Maria! Eu tô maravilhada dentro da serra. Eu amo caçar pequi e eu amo colher pequi. Por que lá é uma coisa que num é de ninguém, é de nós todos. Todo mundo que chegar naquele pé de pequi acha pequi e num tem negócio de confusão, eu chego, você chega e apanha naquele mesmo pé de pequi sem confusão, sem questão.” (M. B. B.)</i>
6	<i>“Tem que ajeitar a natureza, se eu vejo assim, que tem que plantar um pé de árvore, um pé de pequi, qualquer coisa. [...] Sempre quando eu planto, sempre quando eu planto assim um pé de pequi eu digo a eles como é que é pra plantar, como é que é pra fazer, aí eu vou e digo: ó, isso aqui é porque quando for um dia e vocês passar vocês dizer “isso aqui foi minha mãe que plantou e o meu pai.” (M. A. S.)</i>
7	<i>“A gente assim, pelo menos eu, eu num gosto de ta destruindo assim, a madeira, a gente assim, podendo plantar ou ajeitar uma árvore que tem perto do barraco da gente é que é melhor né... Eu não gosto de deixar assim sujeira, ó, quando a gente vai pra casa aí eu pego um... a gente faz a limpeza todinha do lixo, cata dos pé do barraco eu toco fogo, queimo pra deixar limpinho, né... Que a natureza a gente tem que zelar pela natureza.” (A. M. S.)</i>

Através das entrevistas realizadas tornou-se possível constatar que a forma de divisão do trabalho no acampamento é definida de acordo com os papéis preestabelecidos pelas relações de gênero, a partir de uma manutenção dos costumes antigos que direcionam e instrumentalizam as identidades culturais baseada no contexto geracional da comunidade, uma vez que o conhecimento da grande maioria das entrevistas foi adquirido através dos ensinamentos e dinâmicas familiares, fazendo com que a identidade feminina seja destinada a funções e comportamentos preestabelecidos como inerentes a sua figura: relacionadas ao cuidado, maternidade e trabalho doméstico. Apontando para uma estruturação social naturalizada na “socialização do biológico e biologização do social” (BOURDIEU, 2016).

Jacobi et al. (2015) pontua, no entanto, que as práticas realizadas pelas mulheres ocorrem das formas mais variadas, não só na esfera reprodutiva, como também na produtiva, de forma a contribuir com a subsistência familiar e comunitária, fazendo uso para tanto dos recursos naturais. Vê-se que embora inseridas em um contexto regulador das práticas de um sistema de gênero binarista, estas mesmas mulheres possuem papel crucial, completamente participativas e transformacionais em relação ao seu grupo social.

O que pode ser refletido também na disseminação do conhecimento, visto que, as mulheres tem participação mais representativa no cuidado com as crianças, e por estarem mais próximas são figuras imprescindíveis para a transmissão do conhecimento cultural da comunidade, conhecimento que por sua vez foi adquirido através das gerações anteriores de seus núcleos familiares, através do que Heyes (1994) definiu como “aprendizagem social”. Nesse sentido, de forma análoga difundem os conhecimentos sobre a floresta, a utilidade das plantas, protocolos de segurança e também noções de sustentabilidade, ainda que não sejam pautadas por esta exata definição, considerando a colocação de

Guimarães (2011) que associa o termo “Sustentabilidade” a um “modo atualizado de ver e de narrar o meio ambiente”. O que pode ser percebido nas falas (Quadro3, diálogo 4).

Assim, o modo de transmissão cultural pode se dar através da interação entre as pessoas ou gerações em uma comunidade, independente do gênero, pois como afirma Soldati (2018) este processo compreende além da informação, *um modelo portador da informação, um aprendiz e um contexto ambiental ou social*.

Contextos sociais estes que eram ancorados na economia, neste caso, como posto por Pereira (2012) ao reiterar a importância financeira da safra do pequi, ocasião em que as famílias se descolam e por vários meses mudam totalmente sua rotina para se dedicarem a colheita e beneficiamento do referido fruto. Atualmente, este tripé está diretamente ligado também às questões afetivo-ambientais, considerando que a maioria das entrevistadas declararam que continuam montando acampamento por se sentirem bem, por amarem o local em que se acomodam, em alguns casos até construindo instalações mais seguras (de taipa ou alvenaria), apesar de o fator econômico ainda possuir grande relevância na continuidade desta dinâmica de deslocamento.

Na busca pelo “Bem Viver”, apontado por Alcantara; Sampaio (2017) como “o fortalecimento das relações comunitárias e solidárias, os espaços comuns e as mais diversas formas de viver coletivamente, respeitando a diversidade e a natureza” ilustrado nas falas (Quadro 3, diálogo 5, 6 e 7).

Para Lopes et al., (2019) a sustentabilidade de determinada experiência tradicional vai depender de aspectos próprios da comunidade ou região, correlacionados ao interesse destas pelo recurso ambiental em pauta, em relação direta entre sua economia e suas características socioambientais.

Com relação à sobrevivência do costume e tradição as entrevistadas pontuam diversos problemas, a exemplo da diminuição dos frutos ao longo dos anos, a preocupação com o, o envelhecimento dos catadores, as queimadas cada vez mais frequentes na floresta e também a falta de incentivo por parte do poder público municipal e órgãos ambientais gestores.

Desta forma, foi possível obter a compreensão de que, de modo geral, a partir das transformações que ao longo do tempo a comunidade passou, as famílias e especialmente as mulheres continuam indo para a “serra” por uma conexão mais cultural, afetiva, emocional e até saudosista, assumida em relação à floresta e principalmente ao espaço em que se abrigam nos períodos de safra, fazendo deste, um costume resiliente.

Através da percepção de que a crescente dificuldade que envolve a coleta do pequi (desde processos produtivos exaustivo até a redução da quantidade de fruto ao longo dos anos) tenha feito com que algumas mulheres optem por não mais irem anualmente, passando a comprar pequi de outras localidades para feitura e posterior comercialização do óleo ou decidam ir apenas como forma de lazer (passando apenas parte do dia ou finais de semana).

A redução do fruto do pequi é associada pelas entrevistadas à coleta predatória e desenfreada, quando ocorre a quebra dos galhos da árvore. Tendo as mesmas o entendimento da responsabilidade e impacto que desempenham frente à determinada ação, ainda que na prática não desempenhem outras ações de manejo alinhadas a sustentabilidade ambiental e manutenção cultural de suas práticas, como o replantio de mudas do pequi.

#### **4 CONCLUSÕES**

Considerando a presença forte e essencial das mulheres nos processos de produção do óleo de pequi e sua atuação social no acampamento, confirma-se a importância das mesmas, posto que desempenham algumas das funções principais de toda a cadeia produtiva: apanhamento e apuração. No entanto, não autovalorizam seu trabalho e conseqüentemente não acreditam na complexidade do mesmo, visto que sua percepção sobre as tarefas realizadas se justifica apenas por serem mais atentas e dedicadas.

Ao olharmos mais de perto, estas mulheres e suas perspectivas, propicia o entendimento da complexidade de como as relações comunicacionais, tanto de sabedorias quanto de expressões do ser, se estabelecem transgeracionalmente. Na Comunidade de Cacimbas, o maior envolvimento feminino está relacionado com a educação dos mais novos, direcionando a tradicionalidade da sua representação dentro do acampamento e de métodos extrativos. Contudo, lidam com o protagonismo e a desmemória de seu papel, ainda somente como agentes de transmissão para as próximas gerações e como agente dememória biocultural essencial.

As entrevistadas conhecem o impacto que geram no ambiente no qual encontram-se inseridas, ainda que na prática não desempenhem outras ações coletivas de manejo alinhadas a prática da sustentabilidade ambiental e manutenção da cultural tradicional, como o replantio de mudas do pequi e outras, o que poderia ser melhorado através de incentivos dos poderes públicos.

**REFERÊNCIAS**

ABOIM, S. (2012). Do público e do privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna. *Revista Estudos Feministas*, v. 20, n. 1, p. 95-117.

ALCANTARA, L. C. S.; SAMPAIO, C. A. C. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível? *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 40, p. 231-251, 2017.

ALMEIDA, A. L. et al. **Saberes Locais sobre a Floresta Nacional do Araripe: conhecendo para conservar**. Recife: [s. n.], 2015.

ALVES, A. E. S. et al. Divisão sexual do trabalho em comunidades rurais. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”, 6. 2012. João Pessoa. Anais eletrônicos. João Pessoa: UFPB, 2012. p. 4223-4225.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 3ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

FERNANDES, T.; MOTA, D. M. “É Sempre Bom Ter o Nosso Dinheirinho”: sobre a autonomia da mulher no extrativismo da mangaba no Pará. **Revista de Economia e Sociologia Rural**. Piracicaba, v. 52, n. 1, p. 9-24, 2014.

FONTANA, E.; COSTA, M. M. M. A nova mulher em uma nova comunidade: Um recorte entre as comunidades tradicionais e as sociedades atuais em matéria de gênero. **Revista Novos Estudos Jurídicos**. Eletrônica, v. 21, n. 1, 2016.

GUIMARÃES, L. B. Imagens da sustentabilidade em um mundo sem ilhas. In: HENNING, P.; RIBEIRO, P. R.; SCHMIDT, E. (Org.). **Perspectivas de investigação no campo da educação ambiental & educação em ciências**. Rio Grande: FURG, 2011. p. 31-41.

GILLIGAN, C. **Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.

HEYES, C. M. Social learning in animals: Categories and mechanisms. **Biological Reviews, Great Britain**, v. 69. 1994, p. 207-231.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico. Intranet, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 27/03/2020.

IPECE. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. Perfil Municipal – Jardim. Fortaleza, 2017. Disponível em: <[https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2018/09/Jardim\\_2017.pdf](https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2018/09/Jardim_2017.pdf)> Acesso em: 27/03/2020.

**JACOBI, P. R. et al. Gênero e Meio ambiente. Ambiente & sociedade. v.18 n.1 São Paulo, 2015.**

LOPES, R. H. et al. A industrialização do óleo de buriti e seus reflexos na comunidade Santo Antônio do Abonari. In: MONTEIRO, S. A. S. (org.). **Sustentabilidade social e contemporânea**. Ponta Grossa: Atena Editora, p. 1-11, 2019.

NUNES, E. S. et al. Competitividade da extração e comercialização do pequi no Ceará. **Revista Custos e Agronegócio Online**. [S.l.], v. 12, n 1, 2016.

OLIVEIRA, M. N. C. et al. A Representatividade Feminina no Associativismo produtivo na Amazônia. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10., 2013. Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Disponível em:

<[http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373321244\\_ARQUIVO\\_FG10MariaOliveira.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373321244_ARQUIVO_FG10MariaOliveira.pdf)> Acesso em: 05/09/2018.

PEREIRA, F. A. et al. Análise da atividade extrativista do pequi (*Caryocar coriaceum Wittm*) em comunidades da Chapada do Araripe na região do Cariri cearense. **Conexões Ciência e Tecnologia**. Fortaleza, v. 8, n. 3, p. 59 - 66, 2014.

PEREIRA, F. A. Uma proposta de estudo da atividade extrativista do pequi (*Caryocar coriaceum Wittm*) em comunidades da Chapada do Araripe na Região do Cariri cearense. In: CONGRESSO NORTE NORDESTE DE PESQUISA E INOVAÇÃO, 7., 2012. Palmas. **Anais eletrônicos...** Recife: IFTO, 2012. Disponível em: <<http://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/viewFile/416/1893>> Acesso em 15/01/2020.

SANTOS, A. A. et al. Estudos rurais: Uma breve retórica sobre o patriarcado. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v. 6, n. 10, p. 76533-76548, 2020.

SANTOS, C. G. Exploração/dominação de gênero e a sua relação com a divisão sexual do trabalho na perspectiva dos direitos humanos. In: Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina , 5. 2013. **Anais**. GEPAL: 2013. p. 110-111.

SOLDATI, G. T. A Transmissão do Conhecimento Local ou Tradicional e o Uso dos Recursos Naturais. In: ALBUQUERQUE, U. P. (Org.), **Introdução à Etnobiologia**. Recife – PE: NUPPEA, 2018, p. 243-248.